



DOSSIÊ: PSICOLINGÜÍSTICA E NEUROLINGÜÍSTICA EM INTERFACES

Foco prosódico e clivagem no processamento de elipses no português brasileiro

Prosodic Focus and Clefting in ellipsis sentences processing in Brazilian Portuguese

Aline Alves Fonseca¹

orcid.org/0000-0002-7874-2878

aline.fonseca@ufjf.br

Andressa Christine

Oliveira da Silva²

orcid.org/0000-0002-3011-7723

andressa.silva@uemg.br

Júlia Greco Carvalho³

orcid.org/0000-0001-7337-831X

julia.greco@letras.ufjf.br

Marcella Campos e

Souza¹

orcid.org/0000-0002-9291-0575

marcella.souza@estudante.ufjf.br

Recebido em: 21/02/2023.

Aprovado em: 14/07/2023.

Publicado em: 21/11/2023.

Resumo: Este trabalho investiga a influência da marcação de foco prosódico contrastivo e do que chamamos de "foco sintático" por meio da clivagem, na resolução de ambiguidades em estruturas elípticas *replacive*: "Durante o ensaio da orquestra, (foi) o violinista (que) impressionou o maestro, não o solista". Esta pesquisa foi inspirada em Carlson (2015), que investigou sentenças similares em inglês. Conduzimos duas atividades experimentais com uma combinação de 7 condições experimentais de clivagem e foco prosódico. Após ouvirem as sentenças, os participantes (N=66) respondiam perguntas como: "O que aconteceu em...?". A resposta podia ser uma interpretação de objeto: "Ninguém impressionou o solista"; ou uma interpretação de sujeito: "O solista não impressionou ninguém." Os resultados apontam que ambas as estratégias de focalização (foco prosódico e clivagem) influenciaram o aumento da interpretação de sujeito. Quando as pistas de focalização são conflitivas, a clivagem exerceu um papel decisivo na interpretação final. Nossos resultados estão alinhados com os de Carlson (2015) para o inglês. O foco prosódico desempenha um importante papel na resolução de ambiguidades, como em Schafer *et al.* (1996). No entanto, conforme Kiss (1998), a clivagem transmite um foco contrastivo e exaustivo para a sentença, sendo, portanto, uma pista de desambiguação mais efetiva do que outras.

Palavras-chave: Processamento de frases. Elipse. Foco prosódico. Clivagem.

Abstract: This research investigates the influence of prosodic focus and syntactic clefting in the processing of ambiguous *replacive* ellipsis sentences in Brazilian Portuguese, such as "In orchestral rehearsal, (it was) the violinist (who) impressed the maestro during the first song, not the soloist". Our research was inspired by Carlson (2015) who investigated similar ellipsis sentences in English. We conducted two auditory experiments, manipulating prosody and clefting in 7 conditions. After listening to the audio, participants (N=66) read a question ("What happened in...?") and they chose an answer: a subject interpretation response ("The soloist impressed nobody"), or an object interpretation response ("Nobody impressed the soloist"). The results indicate that both strategies of focalization (i.e., clefting and prosody) increased subject interpretation choices. When the focus cues were conflicting, the clefting structure played a decisive role in the final interpretation. Our results are aligned with Carlson (2015), which point that prosodic focus plays an important role in the ambiguity resolution (see Schafer *et al.*, 1996). However, as it was observed by Kiss (1998), the clefting structure conveys an exhaustive contrastive focus on the sentence, being more effective in the disambiguation process than other cues.

Keywords: Sentence Processing. Ellipsis. Prosodic Focus. Clefting.



Artigo está licenciado sob forma de uma licença
[Creative Commons Atribuição 4.0 Internacional](https://creativecommons.org/licenses/by/4.0/).

Introdução

Esta pesquisa faz parte de uma série de investigações experimentais sobre o papel de diferentes estratégias de focalização — prosódica,

¹ Universidade Federal de Juiz de Fora, Faculdade de Letras, MG, Brasil.

² Universidade do Estado de Minas Gerais, Departamento de Educação, Linguística e Letras, MG, Brasil.

³ Universidade Federal de Juiz de Fora: Juiz de Fora, MG, BR.

semântica, morfológica, pragmática e até mesmo sintática — na resolução de ambiguidades estruturais dentro dos domínios do processamento de frases (WARREN, 2013), subárea da Psicolinguística que investiga o comportamento e as fontes de recursos utilizadas por nosso processador mental durante a compreensão da linguagem. Em trabalhos anteriores (FONSECA, 2020), investigamos a influência de pistas prosódicas, como o acento tonal contrastivo, pistas morfológicas, como a partícula focalizadora "só", e pistas "pragmáticas", como a inserção de um contexto prévio às sentenças experimentais, no processamento de sentenças com adjuntos adverbiais ambíguos. Em Fonseca, Carlson e Silva (2019), analisamos a influência de pistas prosódicas, como acento tonal contrastivo e fronteira de sintagma entoacional (NESPOR; VOGEL, 1986) na resolução de ambiguidades de aposição de adjuntos adverbiais, como em:

(1) A Marcela ouviu que o Paulo ligou durante o almoço de domingo.

Em um primeiro momento, realizamos um teste normativo, sem manipulação prosódica, para averiguarmos qual seria a aposição preferencial do adjunto adverbial. Testamos 24 sentenças com a estrutura "V1+que+V2+Adj. adverbial" em um questionário escrito, com 33 participantes. Ao final da leitura da sentença, os participantes respondiam a uma pergunta do tipo "O que aconteceu durante o almoço de domingo?", escolhendo uma de duas opções de resposta, como em "a) A Marcela ouviu alguma coisa."; "b) O Paulo ligou para alguém." Assim como os resultados encontrados por Carlson e Tyler (2018), apenas 10,6% das respostas no teste normativo sinalizam uma aposição alta (V1) do adjunto adverbial. Esse resultado já era esperado, uma vez que está de acordo com os princípios da aposição mínima (*minimal attachment*) e do fechamento tardio (*late closure*)⁴, de Frazier (1979). Uma vez confirmada experimentalmente a interpretação *default* do

adjunto adverbial como a aposição baixa, ou local, partimos para investigar se pistas focalizadoras, principalmente pistas prosódicas, poderiam influenciar o processamento de estruturas adverbiais ambíguas e alterar a interpretação final da sentença, com uma mudança da aposição do adjunto adverbial. Para isso, realizamos uma segunda atividade experimental, agora um questionário auditivo, em que as 24 sentenças do Experimento 1 foram manipuladas prosodicamente e ganharam 4 condições experimentais: i) Condição V1 = acento tonal no primeiro verbo; ii) Condição V2 = acento tonal no segundo verbo; iii) Condição V1IP = acento tonal no primeiro verbo + fronteira de sintagma entoacional antes do adjunto adverbial; e iv) Condição V2IP = acento tonal no segundo verbo + fronteira de sintagma entoacional antes do adjunto adverbial. O teste foi realizado com o *software* gratuito DMDX (FORSTER; FORSTER, 2003) e aplicado a 24 participantes voluntários. Os resultados encontrados apontam para uma influência da fronteira de sintagma entoacional na interpretação alta do adjunto adverbial, mas não apontaram para uma influência significativa do acento tonal isoladamente na mudança de interpretação do adjunto. Esse resultado inicial, além de divergir dos resultados encontrados por Carlson e Tyler (2018) para a influência do acento tonal no inglês, deixou dúvidas sobre o papel do acento tonal na resolução de ambiguidades estruturais, sobretudo quando há outras pistas não prosódicas em jogo.

Partindo dos estudos anteriores citados aqui, e dentro do escopo do projeto de investigação sobre a influência de pistas focais na resolução de ambiguidades estruturais, passamos a investigar a influência de pistas prosódicas, novamente o acento tonal contrastivo, e pistas sintáticas, como a clivagem, em sentenças ambíguas de elipse do tipo *replactive*, como em:

(2) Durante o ensaio da orquestra, o violinista impressionou o maestro, não o solista.

⁴ Descreveremos com mais detalhes os princípios da aposição mínima e do fechamento tardio na seção "Arcabouço teórico".

Em sentenças como (2), temos uma ambiguidade gerada pela parte elidida em que podemos interpretar a segunda porção da sentença como uma elipse de sujeito, como em: "não foi o solista que impressionou o maestro"; ou como uma elipse de objeto, como em: "o solista não foi impressionado pelo violinista". Assim como vimos nas estruturas adverbiais, teoricamente, a interpretação preferencial desse tipo de estrutura elíptica é a interpretação de objeto, uma vez que, de acordo com teorias de processamento, como a Teoria *Garden-Path* (FRAZIER, 1979), a estrutura de objeto seria mais simples, mais imediata e geraria menos custos de processamento. No entanto, na esteira das pesquisas em processamento de frases, investigamos o quanto de material linguístico e não linguístico, sobretudo informações que fogem ao escopo estrutural, podem influenciar o nosso processador mental e alterar a interpretação *default* de uma sentença.

Neste artigo, apresentamos os resultados de duas tarefas experimentais em que analisamos a influência de acentos tonais, ora focalizando o sujeito da primeira porção da sentença (O VIOLINISTA), ora focalizando o objeto (O MAESTRO); a influência da estrutura de clivagem ora focalizando o sujeito da primeira porção da sentença (...foi o violinista que impressionou...), ora focalizando o objeto (...foi o maestro que o violinista impressionou...); e a influência de uma combinação entre as pistas de foco prosódico e clivagem, gerando condições de conflito entre as pistas, como a clivagem de objeto com foco prosódico no sujeito (...foi o maestro que o VIOLINISTA impressionou...), e a clivagem de sujeito com foco prosódico no objeto (...foi o violinista que impressionou o MAESTRO...). Diferentemente dos resultados encontrados para as estruturas adverbiais, tanto o foco prosódico, gerado pelo acento tonal contrastivo, como a clivagem desempenham um papel expressivo na interpretação da elipse do tipo *replacive* no português brasileiro (PB). No entanto, a pista focal gerada pela estrutura de clivagem apresenta um efeito de foco exaustivo (KISS, 1998), alterando de forma mais substancial a compreensão da

elipse para a interpretação não *default*, ou seja, para a interpretação de sujeito da parte elidida.

1 Arcabouço teórico

A elipse é um conhecido fenômeno linguístico que consiste na supressão do material linguístico de um enunciado, evitando a repetição de elementos idênticos e redundantes (HOEKS; REDEKER; HENDRIKS, 2009). O elemento omitido da estrutura é, geralmente, recuperável do contexto linguístico ou extralinguístico. Portanto, a estrutura elíptica depende, para sua interpretação, de estar associada a algo mais no enunciado (WINKLER, 2006) ou no contexto circundante. Em outras palavras, podemos dizer que nas construções elípticas há um significado (uma mensagem pretendida) sem forma (sem um material pronunciado). Essa é a razão pela qual as construções elípticas são teoricamente interessantes para os estudos linguísticos, pois há uma ruptura nos mapeamentos usuais de correspondência entre forma-significado, mas, ainda assim, é possível inferir o significado da parte elidida (MERCHANT, 2018). Ou seja, apesar dessa quebra na correspondência som-significado, os falantes são capazes de recuperar o significado de tais sentenças.

O termo "elipse" abrange tipos diferentes de construções, como elipses de VP, *sluicing*, elipses nominais, *pseudogapping*, *stripping*, *gapping*, *replacive* e *comparative deletion*. Na literatura, as construções elípticas têm sido foco de intenso interesse teórico nas últimas quatro décadas. Segundo Merchant (2018), os linguistas têm debatido principalmente sobre a estrutura, a identidade e o licenciamento das elipses. As pesquisas nessa área tentam responder às seguintes questões: (i) Estrutura: Nas construções elípticas, existe estrutura sintática não pronunciada? (ii) Identidade: Qual a relação entre o material compreendido nas elipses e seu antecedente? (iii) Licenciamento: Quais componentes ou estruturas permitem 'elipses' e quais são as condições de localidade na relação entre estas estruturas e as elipses? (MERCHANT, 2018).

A primeira questão diz respeito a responder

até que ponto uma estrutura elidida contém uma estrutura sintática interna (ou não pronunciada). Existem duas respostas possíveis a essa questão: as teorias que assumem uma abordagem estrutural e as que assumem uma abordagem não estrutural. A primeira abordagem afirma que existe uma estrutura não pronunciada e coloca o ônus na sintaxe. Isso significa que “a única diferença entre uma frase elíptica e uma não elíptica é a falta de pronúncia de parte da primeira” (CRAENENBROECK; TEMMERMAN, 2018, p. 4). Contudo, a segunda abordagem postula que a sintaxe é ‘o que você ouve é o que você obtém’ e, portanto, não há necessidade de postular a existência de mais sintaxe do que aquela que está presente (GANDÓN-CHAPELA; PÉREZ-GUERRA, 2016). Dentro da abordagem estrutural, há uma divergência quanto ao estatuto derivacional da estrutura não pronunciada (MERCHANT, 2018): um lado postula que a estrutura sintática sofre algum tipo de ‘apagamento’ para tornar a sintaxe não pronunciada; e o outro lado postula que um elemento lexical nulo é substituído ou identificado em algum nível de representação não relevante para a pronúncia (na forma lógica/LF ou em algum componente semântico/pragmático).

A segunda questão colocada por Merchant (2018) pretende fornecer respostas sobre como recuperamos o significado de uma estrutura elidida na elipse e que tipo de relação de identidade existe entre a parte elidida e o seu antecedente. O ponto de partida para responder a essa questão é o fato de ser consensual que a elipse é de natureza anafórica, ou seja, ela depende de um antecedente (implícito ou inferido) para a recuperação do seu sentido.

Philips e Parker (2014) mostram três visões diferentes sobre qual representação específica deve ser idêntica: o escopo sintático, o escopo semântico e um escopo híbrido. No escopo sintático, a representação de uma parte elidida é recuperada sob alguma forma de identidade estrutural. Por outro lado, no escopo semântico, o processo de recuperação envolve identidade de

significado. O conflito entre esses dois pontos de vista motivou um escopo híbrido, que afirma que tanto a identidade sintática quanto a identidade semântica podem ajudar a recuperar o antecedente da parte elidida de uma elipse.

No geral, a questão da relação de identidade da elipse, se é sintática ou semântica, ou mesmo se é prosódica ou discursiva/pragmática ainda está por resolver. E este é um ponto importante para a pesquisa que desenvolvemos. Defendemos que a identidade da elipse pode se dar por questões externas à estrutura, como pistas focais. Em geral, observa-se a existência de uma relação de paralelismo que se coloca entre a parte elidida e o antecedente. Esse paralelismo pode ser gerado por estruturas focalizadas na parte antecedente, seja por pistas focais de natureza sintática, semântica, prosódica, morfológica ou até mesmo discursiva, o que ajudaria na recuperação do significado da elipse.

Com relação à terceira questão, o licenciamento refere-se às restrições às elipses, ou seja, o que torna uma construção elíptica gramatical em um determinado contexto sintático e, mais especificamente, quais elementos — os licenciadores — permitem que a elipse ocorra (GANDÓN-CHAPELA; PÉREZ-GUERRA, 2016; CRAENENBROECK; TEMMERMAN, 2018). Segundo Merchant (2018), essa questão não tem recebido tanta atenção quanto as questões de estrutura e identidade. Ele aponta que

[...] a questão do licenciamento é tradicionalmente abordada descrevendo a estrutura elidida e a submetendo a uma transformação, medindo assim a sensibilidade da estrutura a quaisquer condições que o teórico considere relevante⁵ (MERCHANT, 2018, p. 22, tradução nossa).

A pesquisa que desenvolvemos foi inspirada nos trabalhos de Carlson (2002, 2015). O autor investigou se acentos prosódicos e foco sintático por meio de clivagem podem influenciar a interpretação de sentenças ambíguas do inglês com elipses do tipo *replacive*. O primeiro experimento

⁵ Do original: “[...] licensing question was traditionally addressed by writing the structural description of a deletion transformation to be sensitive to whatever conditions the theorist thought relevant”.

que a pesquisadora conduziu foi um teste de leitura automonitorada em que foram analisadas questões de paralelismo semântico e clivagem em frases do tipo:

(3a) Condição de sujeito clivado e paralelismo de sujeito:

It was Shirley/who counseled a client/during the flight./ not Donna./ amazingly.

(S1) (S2) (S3) (S4) (S5)

(3b) Condição de sujeito clivado e paralelismo de objeto:

It was a client/who counseled Shirley/ (S3)/ (S4)/ (S5).

(3c) Condição de objeto clivado e paralelismo de sujeito:

It was a client/who Shirley counseled/ (S3)/ (S4)/ (S5).

(3d) Condição de objeto clivado e paralelismo de objeto:

It was Shirley/who a client counseled/ (S3)/ (S4)/ (S5).

Os segmentos S2 e S3, nas condições de objeto clivado (3c, 3d), foram lidos mais lentamente do que nas condições de sujeito clivado (3a, 3b), mostrando um efeito da clivagem no processamento. No segmento S3, houve ainda uma interação entre a clivagem e o paralelismo, uma vez que a condição de objeto clivado e paralelismo de objeto (3d) foi a mais lenta de todas. Não foram encontradas diferenças significativas no tempo de leitura do segmento S4. Contudo, no segmento S5, a leitura das duas condições em que o paralelismo e a clivagem divergiam (3b, 3c) foi mais lenta do que nas condições convergentes (3a, 3d), mostrando uma interação significativa entre clivagem e paralelismo.

As diferenças de tempo de leitura nos segmentos iniciais (S2 e S3) em que objetos clivados foram lidos mais lentamente do que sujeitos clivados

podem ser explicadas pelo fato de objetos clivados serem estruturas mais difíceis de processar do que sujeitos clivados (GORDON; HENDRICK; JOHNSON, 2001). O processamento mais lento da condição de objeto clivado com paralelismo de objeto pode ser um reflexo da combinação entre a estrutura de clivagem mais difícil (clivagem do objeto) com uma estrutura semântica "dado-novo" não *default* (paralelismo do objeto), já que há uma preferência pelo sujeito ocupar a posição de "dado" nas sentenças (ARIEL, 1990; WARREN; GIBSON, 2002). Já as diferenças no segmento final da sentença que apontam para um atraso no processamento quando o elemento clivado e o elemento remanescente da elipse divergem podem ser explicadas pelo fato de a clivagem gerar um foco contrastivo neste elemento, seja o objeto ou o sujeito. É mais natural, portanto, que esse elemento se oponha ao remanescente na estrutura de elipse.

No segundo experimento deste estudo, a pesquisadora investigou os efeitos de acentos prosódicos⁶ e da clivagem na interpretação das mesmas sentenças com elipses, como nos exemplos a seguir:

(4a) Condição de sujeito clivado e acento no sujeito

It was SHIRLEY who counseled Naomi during the flight, not Donna.

(4b) Condição de sujeito clivado e acento no objeto

It was Shirley who counseled NAOMI during the flight, not Donna.

(4c) Condição de objeto clivado e acento no sujeito

It was Shirley who NAOMI counseled during the flight, not Donna.

(4d) Condição de objeto clivado e acento no objeto

It was SHIRLEY who Naomi counseled during

⁶ Nos exemplos, os nomes indicados em letras maiúsculas receberam o acento prosódico contrastivo.

the flight, not Donna.

Foi conduzido um teste auditivo em que os participantes ouviram sentenças nas 4 condições mostradas no exemplo (4) e depois escolhiam a melhor interpretação para a frase ouvida. Na condição de sujeito clivado e acento no sujeito (4a), a escolha pela interpretação de sujeito foi de 90%. Quando a condição era de sujeito clivado, mas com acento no objeto (4b), essa porcentagem de escolhas pela interpretação de sujeito caiu para 60%. A condição de objeto clivado e acento no objeto (4d) recebeu apenas 20% de escolha pela interpretação de sujeito, já a condição de objeto clivado com acento no sujeito (4c) recebeu cerca de 40% de escolha pela interpretação de sujeito. As diferenças de porcentagem levantadas neste estudo apresentaram significância em testes estatísticos. Os resultados apontam que, embora a posição do acento tenha sido importante, a clivagem parece ser mais decisiva para a interpretação da sentença.

Em suas considerações finais, Carlson (2015) afirma que, quando dois diferentes indicadores de foco marcavam um mesmo argumento, o contraste produzido pela focalização era claramente percebido pelo leitor/ouvinte e frequentemente usado na interpretação das sentenças de elipses. No entanto, quando os indicadores de foco marcavam elementos diferentes da estrutura, os resultados de escolha da interpretação foram intermediários. Esse padrão de resultados parece demonstrar que os diferentes marcadores de foco podem ser igualmente eficientes e trabalham também na resolução de ambiguidades, mas o foco sintático marcado pela clivagem parece ser tomado pelos participantes como um sinal mais robusto de focalização do que os acentos prosódicos. Essa conclusão está alinhada com os estudos de Kiss (1998). O autor afirma que diferentes indicadores de foco apresentam diferentes propriedades semânticas e, portanto, afetam o significado das sentenças ambíguas

de maneiras distintas.

No campo de processamento de frases, adotamos a Teoria *Garden-Path* (TGP), proposta por Frazier e Fodor (1978) e Frazier (1979). O modelo de processamento proposto por Frazier e Fodor (1978) é dividido em dois estágios. O primeiro, chamado pelas autoras de PPP (*Preliminary Phrase Packager*), consiste na atribuição de nós lexicais e frasais a grupos de palavras do *input* que é recebido pelo *parser*. O segundo estágio é chamado de SSS (*Sentence Structure Supervisor*), e faz o papel de organizar o material "empacotado" pelo PPP em marcadores frasais completos, com a estipulação de nós não terminais mais altos. A evidência principal para justificar dois estágios de processamento se deve à limitação da memória de trabalho. Segundo as autoras, a memória de trabalho não suportaria a análise de cadeias maiores, enquanto em um modelo que assume haver um processo preliminar seguido de um outro, que o supervisiona, a memória de trabalho é esvaziada quando a cadeia é passada para o segundo estágio de processamento.

Além do modelo de processamento em dois estágios proposto pelas autoras, o trabalho de Frazier (1979) propõe dois princípios que regem o processamento serial do *input* linguístico:

(5) *Minimal attachment* (aposição mínima): "Aponha o material de entrada no sintagma que estiver sendo construído, usando a menor quantidade de nós sintáticos consistentes com as regras de boa formação da gramática"⁷ (FRAZIER, 1979, p. 24, tradução nossa).

(6) *Late closure* (fechamento tardio): "Quando possível, aponha o material de entrada na oração ou sintagma que estiver sendo processado"⁸ (FRAZIER, 1979, p. 33, tradução nossa).

Os dois princípios citados estão dentro do PPP e geram estruturas iniciais que são, então, remetidas e "supervisionadas" pelo SSS, que irá

⁷ Do original: "Attach incoming material into the phrase-marker being constructed using the fewest nodes consistent with the well-formedness rules of the language under analysis".

⁸ Do original: "When possible, attach incoming material into the phrase or clause currently being parsed."

gerar a estrutura sintática final para a sentença. O processador de dois estágios faz a análise serial da cadeia como se não houvesse ambiguidade, ou seja, ele escolhe uma estrutura, aplicando os princípios de *minimal attachment* e *late closure*, e segue até o fim do processamento. Caso a sentença apresente uma ambiguidade que viole um dos princípios, será necessária uma reanálise, e, dependendo dos processos envolvidos, a reanálise será menos ou mais custosa para o processador.

Apesar da robustez da Teoria Garden-Path, já amplamente testada em diversas estruturas ambíguas e em diversas línguas, ainda há discussões importantes no campo teórico sobre o papel desempenhado por outros componentes da gramática, para além da estrutura sintática, no nosso processador mental. O trabalho de Schafer *et al.* (1996) é um deles. Os autores afirmam que estudos com processamento de sentenças orais têm demonstrado que a informação prosódica pode direcionar ou desfazer ambiguidades da estrutura sintática, ainda no *input*. Em geral, a desambiguação pela prosódia se dá nos casos em que há uma correspondência entre fronteiras na estrutura sintática e prosódica, mas eles também questionam se o acento tonal como pista focalizadora é capaz de direcionar a interpretação de uma estrutura, contrariando os princípios sintáticos norteadores do *parser*.

No trabalho de 1996, Schafer e colaboradores propõem a hipótese da atração do foco (*focus attraction hypothesis*), que diz:

É mais provável que um sintagma que não é nem complemento nem sintaticamente obrigatório seja tomado como modificador de um sintagma P se P for focalizado mais do que se não for, permitindo restrições gramaticais e pragmáticas⁹ (SCHAFFER *et al.*, 1996, p. 136, tradução nossa).

Os autores argumentam que o foco prosódico (marcado por acento tonal), em geral, pode refletir a importância de uma informação para o ouvinte, e pode marcar, dentro da estrutura

informativa, as informações novas. A partir dessa hipótese, os pesquisadores conduziram uma série de experimentos com orações relativas manipuladas prosodicamente e concluíram que o foco prosódico é capaz de "atrair" modificadores sintáticos e de influenciar na interpretação final de sentenças relativas estruturalmente ambíguas.

Dentro desse quadro teórico, pretendemos testar o papel do foco prosódico, por meio dos acentos tonais contrastivos, e o papel do foco sintático, por meio da clivagem, no processamento e na interpretação de estruturas de elipse potencialmente ambíguas no português brasileiro.

2 Experimento 1 — Foco prosódico

Neste primeiro experimento, investigamos a influência do foco prosódico por meio do acento tonal contrastivo na interpretação da estrutura de elipse (7):

(7) Durante o jantar, o gerente xingou o ajudante por causa do pedido, não o cozinheiro.

Assim como vimos na Introdução deste artigo, a segunda porção da sentença — "...não o cozinheiro." — pode ser interpretada como uma elipse de objeto "o cozinheiro não foi xingado pelo gerente"; ou como uma elipse de sujeito "o cozinheiro não xingou o ajudante". O paralelismo semântico entre os nomes "gerente", "ajudante" e "cozinheiro" e a estrutura elíptica permitem que ambas as interpretações sejam possíveis e plausíveis. No entanto, dentro da teoria de processamento de frases, a estrutura mais simples e mais imediata deve ser a preferida pelo nosso processador mental (FRAZIER, 1979). Nesse caso, a estrutura mais simples seria a elipse de objeto.

Para testarmos se, de fato, a interpretação *default* para estruturas de elipse do tipo *replacive*, no português brasileiro, é a elipse de objeto, e se o foco prosódico é capaz de influenciar a interpretação dessas estruturas, realizamos um teste de questionário auditivo no qual os participantes escutavam uma sentença e tinham de responder

⁹ Do original: "It is more likely that a phrase that is neither a complement nor syntactically obligatory will be taken to modify a phrase P if P is focused than if it is not, grammatical and pragmatic constraints permitting."

uma pergunta de interpretação relativa ao áudio tocado, como em (8), e, após, escolhiam a melhor resposta entre as duas opções apresentadas, como em (8a) e (8b).

(8) O que aconteceu durante o jantar?

(8a) O cozinheiro não xingou ninguém por causa do pedido. (interpretação de sujeito)

(8b) O cozinheiro não foi xingado por ninguém por causa do pedido. (interpretação de objeto)

As sentenças elípticas foram manipuladas em 3 condições prosódicas:

(g) Sem foco prosódico – *Baseline* (SF): Durante o jantar, foi o gerente que xingou o ajudante por causa do pedido, não o cozinheiro.

(10) Com foco no sujeito (FS): Durante o jantar, foi o GERENTE que xingou o ajudante por causa do pedido, não o cozinheiro.

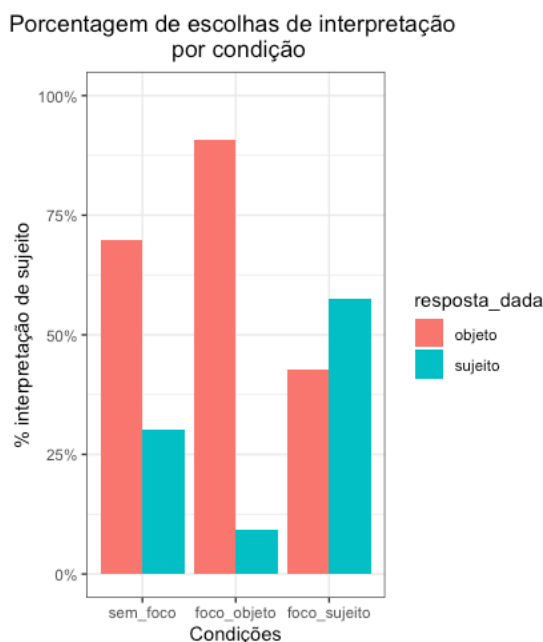
(11) Com foco no objeto (FO): Durante o jantar, foi o gerente que xingou o AJUDANTE por causa do pedido, não o cozinheiro.

Utilizamos 54 itens experimentais que foram distribuídos por quadrado latino em 3 listas com 18 itens para cada uma das três condições. A tarefa foi aplicada para 30 participantes de modo *online*, com o auxílio do *software* PCIBex (ZEHR; SCHWARZ, 2018). Ao total, foram coletadas 540 observações, das quais foram analisadas 510 em decorrência da exclusão de *outliers*.

Para analisar os dados relativos à escolha de interpretação de sujeito ou objeto pelos participantes, realizamos o teste de regressão logística binomial (BAAYEN; DAVIDSON; BATES, 2008), utilizando o *software* RStudio (R CORE TEAM, 2022). Consideramos como variável resposta as escolhas de interpretação de sujeito e objeto, e como variáveis predictoras a presença ou ausência do acento tonal no sujeito ou objeto da sentença.

No Gráfico 1, "Porcentagem de escolhas de interpretação por condição prosódica", podemos observar que a escolha pela interpretação de objeto foi majoritária (72%) na condição sem foco prosódico (*baseline*), o que parece indicar que, de fato, assim como previsto na Teoria *Garden-Path* e observado por Carlson (2015) para o inglês, a elipse de objeto é a interpretação *default* para as estruturas de elipse do tipo *replacive* no PB.

Gráfico 1 – Porcentagem de escolhas de interpretação por condição prosódica



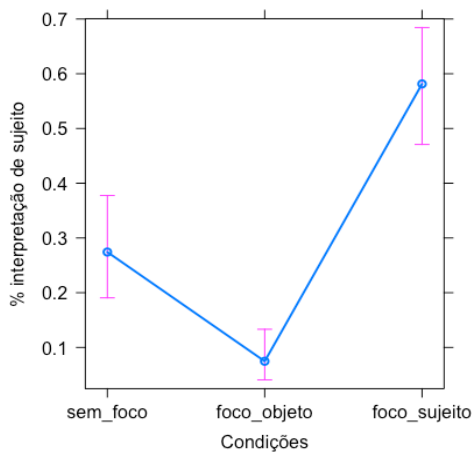
Fonte: Elaboração própria.

No entanto, também é possível observar que a presença do foco prosódico no sujeito da oração principal influenciou a escolha de interpretação dos ouvintes, aumentando a escolha de interpretação de elipse de sujeito. Nos resultados do teste de regressão logística binomial (Gráfico 2),

observamos que a escolha pela interpretação de elipse de sujeito, na condição de foco prosódico no sujeito, foi de quase 60%, e apresentou diferença estatisticamente significativa das escolhas de interpretação de sujeito nas condições *baseline* e de foco prosódico no objeto.

Gráfico 2 – Efeito de probabilidade e dados do teste de regressão binomial do Experimento 1

Gráfico de efeitos: probabilidade de escolher interpretação de sujeito por condição



Predictors	resposta_dada		
	Odds Ratios	CI	p
(Intercept)	0.38	0.24 – 0.61	<0.001
condicao [foco_objeto]	0.21	0.11 – 0.43	<0.001
condicao [foco_sujeito]	3.68	2.08 – 6.48	<0.001
Random Effects			
σ^2	3.29		
τ_{00} item	0.18		
τ_{00} participante	0.41		
ICC	0.15		
N participante	30		
N item	54		
Observations	510		
Marginal R ² / Conditional R ²	0.259 / 0.373		

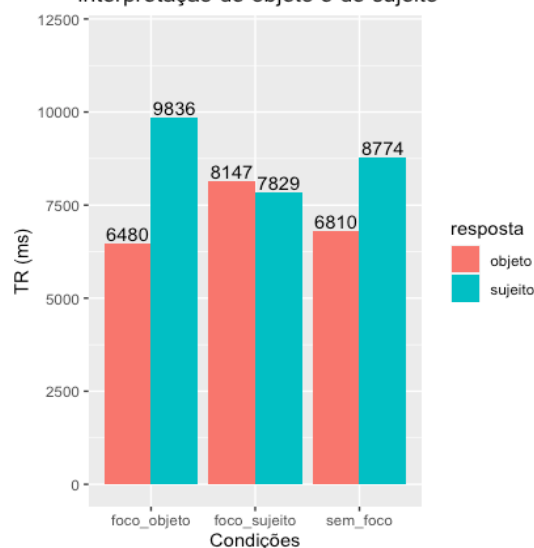
Fonte: Elaboração própria.

Além disso, analisamos o tempo de resposta dos participantes para a escolha da interpretação nas 3 condições prosódicas. Realizamos um teste de regressão linear de efeitos mistos, aplicado ao logaritmo dos tempos de resposta (método de normalização dos dados). Foi encontrada

uma diferença significativa entre os tempos de resposta de elipse de objeto e de elipse de sujeito, e a resposta de elipse de sujeito acarretou aumento no tempo (B = 0.12, CI = [0.01 ~ 0.23], p = 0.038), como é possível observar no Gráfico 3.

Gráfico 3 – Médias de tempo de resposta por condição prosódica

Médias de TR (ms) por condição para escolher interpretação de objeto e de sujeito



Fonte: Elaboração própria.

A partir das análises realizadas e dos resultados coletados no Experimento 1, foi possível confirmar a escolha *default* de interpretação da elipse do tipo *replacive* no PB como a elipse de objeto. Os dados coletados também parecem indicar que o acento tonal contrastivo, como pista focalizadora, é um elemento influenciador no processamento dessa estrutura ambígua, uma vez que o foco no sujeito da primeira porção da sentença aumentou significativamente a escolha pela interpretação de elipse de sujeito da porção elidida. Para verificarmos a influência da estrutura de clivagem e sua relação com a pista de foco prosódico, aplicamos um segundo experimento em que tanto a estrutura sintática quanto a prosódia foram manipuladas e os resultados foram comparados com os dados encontrados no Experimento 1.

3 Experimento 2 – Clivagem

Neste segundo experimento, realizamos novamente um questionário auditivo em que itens experimentais manipulados sintática e prosodicamente foram apresentados e, em seguida, os participantes voluntários da tarefa deveriam ler uma pergunta de interpretação sobre a sentença ouvida e escolher uma resposta para a pergunta. Foram manipulados 24 itens experimentais em 4 condições:

(12) Clivagem de sujeito (CS): "Na cena final da novela, foi a protagonista que estapeou a coadjuvante pela traição, não a antagonista".

(13) Clivagem de objeto (CO): "Na cena final da novela, foi a protagonista que a coadjuvante estapeou pela traição, não a antagonista".

(14) Clivagem de sujeito + foco (prosódico) no objeto (CSFO): "Na cena final da novela, foi a protagonista que estapeou a COADJUVANTE pela traição, não a antagonista".

(15) Clivagem de objeto + foco (prosódico) no sujeito (COFS): "Na cena final da novela, foi a protagonista que a COADJUVANTE estapeou pela traição, não a antagonista".

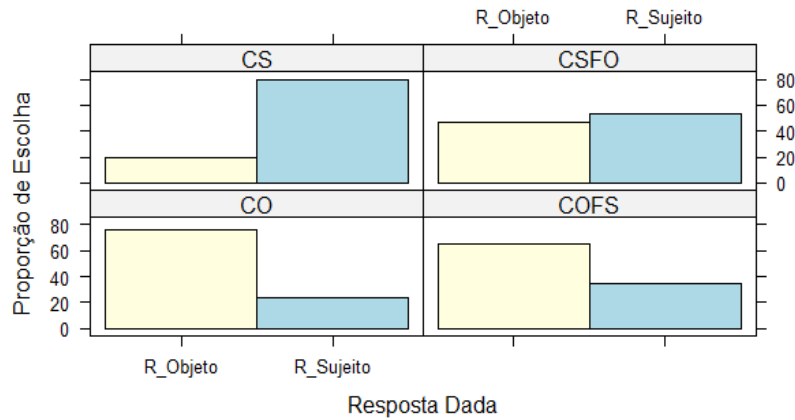
Assim como no Experimento 1, a pergunta de interpretação era do tipo "O que aconteceu na cena final da novela?", e os participantes podiam escolher entre a opção de elipse de sujeito: "A antagonista não estapeou ninguém"; ou a elipse de objeto: "A antagonista não foi estapeada por ninguém". A tarefa foi aplicada de forma presencial com o auxílio do *software* E-prime (PSYCHOLOGY SOFTWARE TOOLS, 2016) para 36 participantes. Para evitar que os resultados fossem enviesados pela ordem em que as sentenças eram apresentadas, elas foram distribuídas por quadrado latino em 4 listas, cada uma com 24 sentenças, totalizando 96 itens experimentais. Utilizamos também 23 sentenças distratoras em cada grupo, para que os participantes não identificassem qual era o nosso objeto de pesquisa. No total, foram coletadas 864 observações, das quais foram analisadas 832 em decorrência da exclusão de *outliers*.

Para fazer a análise dos dados que correspondiam à escolha de interpretação de elipse de sujeito, isto é, na qual a "antagonista daria um tapa na coadjuvante", ou de elipse de objeto, ou seja, a interpretação em que "a antagonista receberia o tapa", realizamos o teste de regressão logística binomial. Consideramos como variável resposta as escolhas de interpretação de elipse de sujeito e de elipse de objeto. Já como variáveis preditoras, consideramos as condições de clivagem de objeto ou de clivagem de sujeito e as condições combinadas que chamamos de condições "mismatch", em que a pista sintática da clivagem estava em oposição à pista prosódica de foco.

No Gráfico 4, "Proporção das escolhas de interpretação por condição no Experimento 2", podemos observar que em sentenças com a presença da clivagem de sujeito (CS), a proporção de escolha foi maior para as interpretações que coincidiam com o foco sintático. Por exemplo, na sentença com clivagem de sujeito: "Na cena final da novela, foi a protagonista que estapeou a coadjuvante pela traição, não a antagonista", 80,1% dos participantes interpretaram que "a antagonista não estapeou ninguém". Uma por-

centagem semelhante (76,6%) foi observada na escolha de elipse de objeto para as sentenças na condição de clivagem de objeto (CO).

Gráfico 4 – Proporção das escolhas de interpretação por condição no Experimento 2
Proporção de escolhas de resposta por Condição

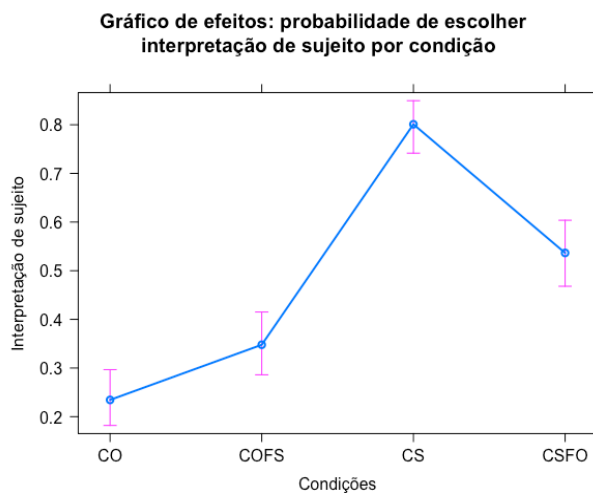


Fonte: Elaboração própria.

Nas condições "mismatch", observamos que, apesar do foco prosódico exercer alguma influência na interpretação da ambiguidade da estrutura, a pista sintática de clivagem parece ser predominante. Na condição de clivagem de sujeito + foco prosódico no objeto (CSFO), a resposta de elipse de sujeito foi ligeiramente maior, 53,7% contra 46,3% de resposta de elipse de objeto. Já na condição de clivagem de objeto

+ foco prosódico no sujeito (COFS), a opção de resposta de elipse de objeto foi majoritariamente escolhida, com 65,2%, enquanto a opção de elipse de sujeito foi escolhida por 34,8% dos participantes. As diferenças de proporções de respostas apuradas foram testadas estatisticamente em um teste de regressão logística binomial e foi encontrada diferença significativa entre todas as condições experimentais (Gráfico 5).

Gráfico 5 – Efeito de probabilidade e dados do teste de regressão binomial do Experimento 2



Predictors	Resp_dada		
	Odds Ratios	CI	p
(Intercept)	0.29	0.20 – 0.41	<0.001
Condicao [COFS]	1.79	1.15 – 2.78	0.009
Condicao [CS]	15.20	9.33 – 24.75	<0.001
Condicao [CSFO]	4.10	2.65 – 6.34	<0.001
Random Effects			
σ^2	3.29		
τ_{00} Participante	0.26		
ICC	0.07		
N Participante	36		
Observations	832		
Marginal R ² / Conditional R ²	0.229 / 0.286		

Fonte: Elaboração própria.

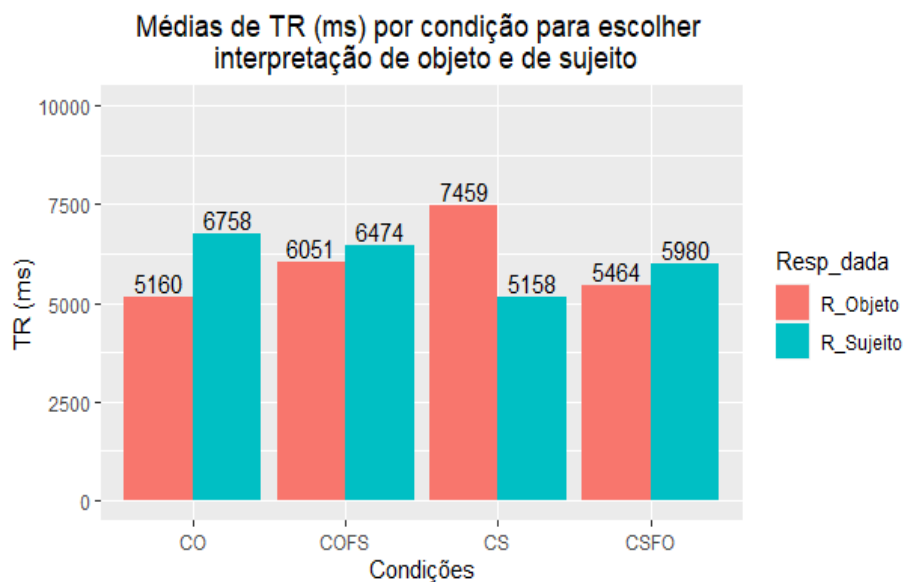
Assim como no Experimento 1, adicionalmente, analisamos os dados relativos ao tempo de resposta gasto pelos participantes nas escolhas

de interpretação de acordo com as condições experimentais. Utilizamos o teste de regressão linear de efeitos mistos, que foi aplicado ao lo-

garitmo dos tempos de resposta (em ms) como um método de normalização dos dados. Foi encontrada diferença significativa entre os tempos

de resposta de elipse de objeto e de elipse de sujeito, e entre os tempos de resposta por meio das condições, como observamos no Gráfico 6.

Gráfico 6 – Médias de tempo de resposta por condição no Experimento 2



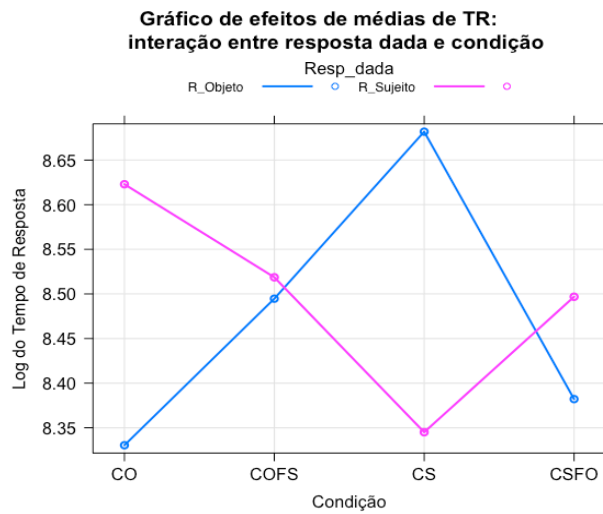
Fonte: Elaboração própria.

O tempo de resposta dos participantes foi menor quando eles escolheram a interpretação que coincidia com a clivagem. Na condição de clivagem de sujeito (CS), por exemplo, o tempo médio para escolher a resposta de elipse de sujeito foi de 5158ms, enquanto o tempo médio para a escolha da elipse de objeto foi de 7459ms. Essa diferença foi estatisticamente significativa no teste de regressão linear de efeitos mistos ($B=0,31$, $IC=[0,09 \sim 0,54]$, $p=0,006$). Já na condição de clivagem de objeto (CO), o tempo médio para a escolha da clivagem de objeto foi de 5160ms, enquanto o tempo médio para a escolha da elipse de sujeito foi de 6758ms. A diferença de TR para a condição CO também foi estatisticamente significativa ($B=0,26$, $IC=[0,06 \sim 0,46]$, $p=0,011$). Em outras palavras, quando a clivagem focalizava o sujeito, os participantes que escolheram a inter-

pretação de elipse de sujeito foram mais rápidos do que aqueles que escolheram a interpretação de elipse de objeto, e vice-versa.

A presença do acento tonal também influenciou os tempos de resposta. Nas condições em que o acento tonal contrastava com a clivagem, os tempos de resposta entre as duas opções de interpretação foram mais equilibrados e deixaram de apresentar diferença estatisticamente significativa. Nessas condições, os participantes também foram mais rápidos ao escolherem a interpretação que coincidia com a clivagem, mas a diferença entre os tempos de resposta caiu consideravelmente. Esse resultado aponta para a sensibilidade dos ouvintes para a pista prosódica, apesar da pressão estrutural causada pela pista sintática de clivagem se mostrar mais efetiva na interpretação final da ambiguidade.

Gráfico 7 – Médias de tempo de resposta e a interação com a condição experimental



Fonte: Elaboração própria.

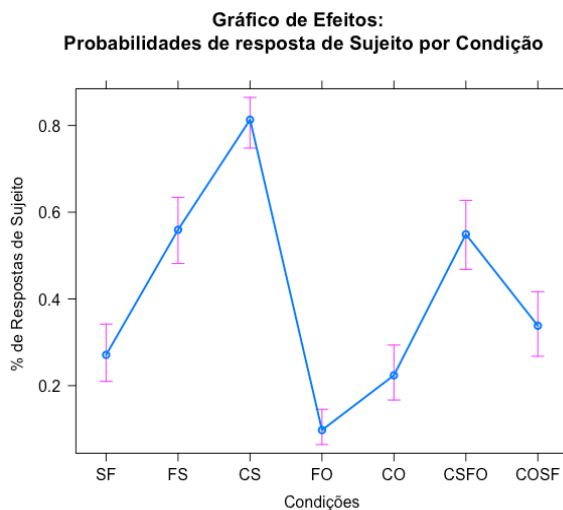
A partir das análises realizadas, observamos que os dados coletados indicam que tanto o acento tonal quanto a clivagem são estratégias de foco eficientes no processamento de sentenças ambíguas com elipses *replacives* no PB. Em outras palavras, são elementos capazes de influenciar o processamento das sentenças, principalmente no que diz respeito à resolução da ambiguidade dos enunciados. Nossas considerações estão de acordo com os resultados obtidos por Carlson (2015) em sua pesquisa, que apontou para uma influência ligeiramente mais significativa do foco

sintático se comparado ao foco prosódico no processamento de sentenças ambíguas com elipses *replacives* em inglês.

Considerações finais

Em análise conjunta dos resultados dos dois experimentos, é possível afirmar que tanto a pista prosódica de acento tonal contrastivo quanto a pista sintática de clivagem são pistas focalizadoras capazes de influenciar a interpretação de estruturas de elipse ambíguas no português brasileiro. Vejamos o Gráfico 8.

Gráfico 8 – Efeito de probabilidade e dados do teste de regressão binomial dos Experimentos 1 e 2 em conjunto



Predictors	Resposta.Dada		
	Odds Ratios	CI	p
(Intercept)	0.37	0.27 – 0.52	<0.001
Condicao [FS]	3.42	2.30 – 5.09	<0.001
Condicao [CS]	11.72	7.02 – 19.56	<0.001
Condicao [FO]	0.29	0.17 – 0.48	<0.001
Condicao [CO]	0.78	0.47 – 1.27	0.316
Condicao [CSFO]	3.28	2.05 – 5.23	<0.001
Condicao [COSF]	1.38	0.86 – 2.21	0.187
Random Effects			
σ^2	3.29		
τ_{00} Participant	0.27		
ICC	0.08		
N Participant	75		
Observations	1566		
Marginal R ² / Conditional R ²	0.259 / 0.315		

Fonte: Elaboração própria.

As condições de foco prosódico no sujeito (FS) e clivagem do sujeito (CS) elevam a escolha de resposta pela elipse de sujeito para mais de 50%, enquanto na condição *baseline* (sem foco – SF), a escolha de interpretação de elipse de sujeito fica abaixo de 30%. Os resultados encontrados apontam para a validade da hipótese da atração do foco, proposta por Schafer *et al.* (1996), e para o fato de que elementos externos à sintaxe, como a prosódia, podem influenciar o processamento de frases desde o *input* linguístico. No entanto, é preciso ponderar sobre o peso estrutural que o foco sintático promovido pela clivagem exerce nas sentenças de elipse em estudo. Nas condições experimentais em que apresentamos aos ouvintes pistas focalizadoras conflitivas, a clivagem exerceu um papel preponderante no processo de interpretação da ambiguidade.

Essa diferença de peso entre as pistas de foco prosódico e de clivagem está prevista em trabalhos seminais sobre o sistema informacional, como vemos em Kiss (1998) e Rooth (1992). Kiss (1998) afirma que a clivagem “eleva” o elemento clivado a uma posição de exaustividade, enquanto o foco prosódico apenas “destaca” o elemento na estrutura informacional. Desse modo, concluímos que diferentes elementos focalizadores desempenham diferentes papéis no processamento de frases. No entanto, não podemos deixar de destacar que, apesar dessa aparente diferença de peso relativo no processamento, os ouvintes se mostraram sensíveis e atentos a ambas as estratégias focalizadoras. Ou seja, tanto a prosódia como a sintaxe são capazes de gerar foco e influenciar na interpretação de estruturas ambíguas.

Referências

- ARIEL, Mira. *Accessing noun-phrase antecedents*. London: Routledge, 1990.
- BAAAYEN, Rolf Harald; DAVIDSON, Doug; BATES, Douglas. Mixed-effects modeling with crossed random effects for subjects and items. *Journal of Memory and Language*, *Is. I.*, v. 59, n. 4, p. 390-412, 2008.
- CARLSON, Katy. Clefting, parallelism, and focus in ellipsis sentences. In: FRAZIER, Lyn; GIBSON, Edward (ed.). *Explicit and implicit prosody in sentence processing: studies in honor of Janet Dean Fodor*. New York: Springer, 2015. p. 63-83.
- CARLSON, Katy. *Parallelism and prosody in the processing of ellipsis sentences*. New York: Routledge Taylor & Francis Group, 2002. (Outstanding Dissertations in Linguistics).
- CARLSON, Katy; TYLER, Joseph. Accents, not just prosodic boundaries, influence syntactic attachment. *Language and Speech*, *Is. I.*, v. 61, n. 2, p. 246-276, 2018.
- CRAENENBROECK, Jeroen van; TEMMERMAN, Tanja (ed.). *The Oxford Handbook of Ellipsis*. Oxford: Oxford University Press, 2018.
- FONSECA, Aline Alves. Pesquisa em psicolinguística: explorando o processamento de frases. In: OLIVEIRA, Candido Samuel Fonseca; SÁ, Thais Maira Machado (org.). *Psicolinguística em Minas Gerais*. Contagem: CEFET-MG, 2020. p. 95-112.
- FONSECA, Aline Alves; CARLSON, Katy; SILVA, Andressa. Prosodic effects on attachment in Brazilian Portuguese. In: ANNUAL CUNY CONFERENCE ON HUMAN SENTENCE PROCESSING, 32., 2019, Boulder. [Poster]. Disponível em: www.colorado.edu/event/cuny2019/sites/default/files/attached-files/a7_fonseca_et.al.pdf. Acesso em: 11 set. 2023.
- FORSTER, Kenneth; FORSTER, Jonathan. DMDX: a Windows display program with millisecond accuracy. *Behavior Research Methods, Instruments, & Computers*, *Is. I.*, v. 35, p. 116-124, 2003.
- FRAZIER, Lyn. *On comprehending sentences: syntactic parsing strategies*. 1979. Thesis (PhD) – University of Connecticut, Storrs, 1979.
- FRAZIER, Lyn; FODOR, Janet Dean. *The sausage machine: a new two-stage parsing model*. *Cognition*, *Is. I.*, v. 6, n. 4, p. 291-325, 1978.
- GANDÓN-CHAPELA, Evelyn; PÉREZ-GUERRA, Javier. Ellipsis: licensing, structure and identity. *The Linguistic Review*, *Is. I.*, v. 33, n. 4, p. 445-452, 2016.
- GORDON, Peter; HENDRICK, Randall; JOHNSON, Marcus. Memory interference during language processing. *Journal of Experimental Psychology: Learning, Memory, and Cognition*, *Is. I.*, v. 27, n. 6, p. 1411-1423, 2001.
- HOEKS, John; REDEKER, Gisela; HENDRIKS, Petra. Fill the gap! Combining pragmatic and prosodic. *Journal of Psycholinguistic Research*, *Is. I.*, v. 38, n. 3, p. 221-235, 2009.
- KISS, Katalin. Identificational focus vs. information focus. *Language*, *Is. I.*, v. 74, n. 2, p. 245-273, 1998.
- MERCHANT, Jason. Ellipsis: a survey of analytical approaches. In: CRAENENBROECK, Jeroen van; TEMMERMAN, Tanja (ed.). *The Oxford Handbook of Ellipsis*. Oxford: Oxford University Press, 2018. p. 19-45.
- NESPOR, Marina; VOGEL, Irene. *Prosodic phonology*. Foris: Dordrecht, 1986.

PHILIPS, Colin; PARKER, Dan. The psycholinguistics of ellipsis. *Lingua*, [s. l.], v. 151, p. 78-95, 2014.

PSYCHOLOGY SOFTWARE TOOLS. E-Prime 3.0. *PST Product Service and Support*, [s. l.], 2016. Disponível em: <https://support.pstnet.com/>. Acesso em: 9 set. 2023.

R CORE TEAM. R: A language and environment for statistical computing. *R Foundation for Statistical Computing*, Vienna, 2022. Disponível em: <https://www.R-project.org/>. Acesso em: 9 set. 2023.

ROOTH, Mats. A theory of focus interpretation. *Natural Language Semantics*, Amsterdam, v. 1, n. 1, p. 75-116, 1992.

SCHAFER, Amy et al. Focus in relative clause construal. *Language & Cognitive Processes*, [s. l.], v. 11, n. 1-2, p. 135-164, 1996.

WARREN, Paul. *Introducing Psycholinguistics*. Cambridge: Cambridge University Press, 2013.

WARREN, Tessa; GIBSON, Edward. The influence of referential processing on sentence complexity. *Cognition*, [s. l.], v. 85, n. 1, p. 79-112, 2002.

WINKLER, Susanne. Ellipsis. In: BROWN, Keith (ed.). *The Encyclopedia of Language and Linguistics*. 2. ed. Oxford: Elsevier, 2006. p. 109-113.

ZEHR, Jérémy; SCHWARZ, Florian. PennController for Internet Based Experiments (IBEX). *OSF*, [s. l.], 15 mar. 2018. Disponível em: <https://doi.org/10.17605/OSF.IO/MD832>. Acesso em: 2 jan. 2021.

Aline Alves Fonseca

Professora adjunta do Departamento de Letras e do Programa de Pós-Graduação em Linguística da Faculdade de Letras da Universidade Federal de Juiz de Fora (UFJF). Doutora em Estudos Linguísticos pela UFMG (2012). Realizou pesquisa de pós-doutorado multicentro na Universidade Federal do Rio de Janeiro e na Morehead State University, EUA (2018/2019). É pesquisadora membro do Núcleo de Estudos em Aquisição da Linguagem e Psicolinguística (NEALP/UFJF) e colaboradora no Laboratório de Psicolinguística Experimental (LAPEX/UFRJ).

Andressa Christine Oliveira da Silva

Doutora em Linguística pela Universidade Federal de Juiz de Fora (UFJF). É professora de Língua Inglesa do Departamento de Educação, Linguística e Letras da Universidade do Estado de Minas Gerais (UEMG). Coautora do capítulo "Os estudos da interface sintaxe-prosódia na Psicolinguística", publicado no livro *Psicolinguística: diversidades, interfaces e aplicações*, da editora Contexto.

Júlia Greco Carvalho

Licenciada em Letras/Português e Italiano pela Universidade Federal de Juiz de Fora (UFJF) e mestranda em Linguística pela Universidade Federal do Rio de Janeiro (UFRJ), na linha de pesquisa "Linguagem, mente e cérebro". Em 2021, publicou em conjunto com Aline Fonseca e Samara Zanella o artigo "Atividades experimentais em tempos de pandemia", pela revista *Texto livre*, da Universidade Federal de Minas Gerais (UFMG).

Marcella Campos e Souza

Graduada em Letras/Português e respectivas literaturas pela Universidade Federal de Juiz de Fora (UFJF), em 2023. Atualmente, é mestranda no Programa de Pós-Graduação em Linguística pela UFJF, onde é bolsista da Fundação de Amparo à Pesquisa do Estado de Minas Gerais (FAPEMIG). Tem interesse na área de Linguística, com destaque em Psicolinguística e Prosódia.

Endereço para correspondência:

ALINE ALVES FONSECA

Diretora da Faculdade de Letras

Faculdade de Letras – UFJF

Campus Universitário Martelos

Rua José Lourenço Kelmer, s/n.

São Pedro

Juiz de Fora, MG, Brasil

36036-900

Os textos deste artigo foram revisados pela Texto Certo Assessoria Linguística e submetidos para validação das autoras antes da publicação.